

Professor Alberto Libânio Rodrigues
(Presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette)

Queluziadas

A história de nossa terra, em
versos, de 1694 até hoje

3ª Edição - 4ª versão
(Revista e atualizada)

Edição comemorativa dos 300 anos de nossa colonização
Fevereiro de 1995

Dedico este trabalho a:

- ☐ Maria Etelvina Rodrigues, minha mãe;
- ☐ Adelino Libânio Rodrigues (in memoriam), meu pai;
- ☐ Antônia Neves de Melo, Nica (in memoriam), minha segunda mãe;
- ☐ Aos irmãos Adelino Filho (in memoriam), José Maria e Aloísio;
- ☐ Cleonice Martins Libânio, minha mulher;
- ☐ Alberto Jr., Viena Von Áustria e Spartakós, meu filhos;
- ☐ Aos amigos de ontem e de hoje, pelo apoio e incentivo constantes;
- ☐ Ao vereador Benito Laporte e a seus pares no Legislativo Municipal de Conselheiro Lafaiete, pelo diploma de honra ao mérito a mim conferido;
- ☐ Ao meus ex-professores e a todos aqueles que investiram um pouco de seu tempo na minha modesta formação cultural;
- ☐ Aos membros da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, pela sua participação na vida da entidade;
- ☐ Ao prefeito Carlos Alberto Gomes Beato e a seus assessores, pela atenção que vêm dedicando aos projetos da ACLCL;
- ☐ E a todas aquelas pessoas, amigas da cultura que, como eu, sonham poder construir um mundo melhor através da poesia e da literatura de boa qualidade e da cultura no seu sentido mais amplo.

A todos, os meus agradecimentos.

Direitos reservados para o autor

Este trabalho será republicado na Antologia Lafaiete em Prosa
e Verso, a ser lançada dia 18/02.

Pedidos pelo reembolso à Cx. postal 1402 - CEP 30161-970 - BH,
ou pelo tel. (031) 721-4816 - C. Lafaiete.

Editoração Eletrônica e Coordenação Editorial

Jornalista Márcia Terezinha Carreira Rodrigues

Prof. Alberto Libânio Rodrigues

Impressão

CMC - Consórcio Mineiro de Comunicação

Tel. 761-2439 (C. Lafaiete) e 212-7400 r/73 (Belo Horizonte)

Tiragem desta edição

1.000 exemplares - distribuição gratuita

O lançamento desta obra faz parte das comemorações do
Tricentenário da Cidade, sob a coordenação da Academia
de Ciências e Letras e Conselheiro Lafayette.

A primeira edição, com 500 exemplares, foi lançada em 30/12/94;

A segunda, com igual tiragem, em janeiro de 1995.

ALBERTO LIBÂNIO RODRIGUES

Nasceu em 1953 (23/04), na rua Napoleão Reis, 16 - no antigo Boqueirão - filho do alfaiate Adelino Libânio Rodrigues e de Maria Etelvina Rodrigues, ambos oriundos do Oeste de Minas, mais precisamente da cidade de Cláudio. Iniciou o curso primário nas Escolas Reunidas da Cachoeira, com a professora Maria Terezinha. Transferiu-se, depois, para o Pacífico Vieira, onde foi aluno de Clélia Sampaio, Mariza e Sônia (no 2º ano); Gegena Curty, no 3º; e, no 4º, Nyra Tavares. Fez o admissão no Anchieta, depois no João XXIII e, por fim, o 5º ano, no Pacífico Vieira, com dona Wilma Romana. Com esses dados, ele rende homenagem as suas primeiras professoras. O antigo curso ginásial ele o fez no Napoleão Reis, concluindo-o em 1970. Em 1971, ingressou no Magistério, mas não pôde terminar o curso, porque já começara a lecionar, primeiro como substituto, na própria escola e, depois, a partir de 1972, no recém-criado ginásio São Geraldo, de Casa Grande, e Ginásio Santo Antônio, em Cristiano Ottoni. Já casado (1974), o tempo ficou ainda mais escasso, e ele teve que terminar seu 2º grau, a custa dos exames supletivos, feitos as pressas, em Barbacena, onde, no mesmo ano, prestou exames ao vestibular da Fupac, para Pedagogia, no que foi aprovado em primeiro lugar. Mal pôde iniciar o curso, teve de abandonar os estudos, porque passou a dirigir interinamente o Ginásio São Geraldo (1975 e 1976). Nesse ano, engajou-se de novo na equipe do jornal O Processo, onde atuara em 1972 e início de 1973. Em 1978 funda o jornal Panorama, que manteve até 1984, quando se transfere para Itaúna (terra de sua mulher, Cleonice), onde integra-se à Folha do Oeste. Em seguida fundou a Folha do Centro-Oeste, de circulação regional. Em 1989 instalou a filial de sua editora em BH, e lá trabalha até hoje, residindo, porém, em Lafaiete, desde julho de 1990, e aqui vem passar os fins-de-semana com a família (e, agora, com a Academia). Sua empresa, o CMC-Consórcio Mineiro de Comunicação - é especializada na editoração eletrônica (a laser) de livros e jornais, sendo responsável, principalmente, pela edição de antologias em diversas cidades mineiras, com destaque para Conselheiro Lafaiete. Aqui promoveu, também, eventos culturais de grande importância, entre os quais o festival Minas Canção. Em setembro de 1991 foi empossado na cadeira 46, do Instituto Histórico e Geográfico

de Minas Gerais; e, depois, convidado a participar do Colégio Brasileiro de Genealogia-RJ. Nessa época, foi alvo de entrevistas destacadas no jornal Estado de Minas (página inteira), Tribuna de Minas e Gazeta Metropolitana, dentre outros, além das TVs Globo e Manchete. Ele é o coordenador do Cemeg- Centro Mineiro de Estudos Genealógicos, e do Serviço SOS Português, para executivos, em BH, ministrando, também, cursos intensivos de redação jornalística, programação visual e editoração eletrônica. Em 1980, colaborou com o Perdigão, do Museu, nas pesquisas para provar o erro histórico que vinha sendo cometido com relação à contagem de tempo da verdadeira data de aniversário da cidade (antes era comemorado em 2 de janeiro). A partir de 1990, ano do Bicentenário, a Câmara reconheceu como data oficial o dia 19 de setembro. Jornalista autodidata, contista, poeta, cronista e pesquisador da história de Conselheiro Lafaiete, é, também, membro das seguintes academias e entidades literárias e culturais: Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana - RS; Clube Internacional Boa Leitura; Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, Academia Internacional de Ciências Humanas e Academia Internacional de Letras. Colabora nos jornais de Lafaiete e de outras cidades do interior, e é o idealizador e fundador da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, onde ocupa a cadeira 2, que tem como patrono o jornalista e escritor Adelino Libânio Filho, seu irmão mais velho. Em BH, atua, também, como assessor de marketing da União dos Varejistas de Minas Gerais e coordenador editorial de house-organs de entidades da capital e do interior. Libânio descende do inconfidente Toledo Piza e é primo do polêmico escritor e teólogo Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo), da escritora Maria Stela Libânio e do jornalista Euclides Libânio Rodrigues Filho, de O Globo e Folha de São Paulo, falecido na década de 80. Casado com Cleonice Martins, possui os filhos Alberto Jr. (19), Viena Von Áustria (14) e Spartakós (11). Dia 30 de dezembro de 1994 foi laureado com o diploma de Honra ao Mérito da Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete.

Queluziadas

(Veja no final do poema as notas históricas, explicativas dos números entre parênteses)

ABERTURA

Paráfrase e trechos d'Os Lusíadas

1

As armas e os brasis assinalados
Em Bandeiras varando muitas milhas
Por matos nunca de antes explorados
Passaram ainda além das Tordesilhas.
E em perigos e guerras empenhados
Os Bandeirantes rudes e esforçados
Entre gente remota edificaram
Novas vilas que tanto sublimaram.

2

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai, as vezes, acabado.
Não me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado;
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que, juntas, se acham raramente.

3

E também as memórias gloriosas
Daqueles que por obras valerosas...
Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
Que se espalhe e se cante o Universo
Se tão sublime preço cabe em verso.
Cesse tudo que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta.

Canto Primeiro

1

Em mil seiscentos mais noventa e quatro (1)
Chegaram cá os bravos bandeirantes
Rudes e fortes (como os idolatro!)
Em busca de ouro e a cata de diamantes.
A nossa terra lhes atrai os greis
E, em sua saga de homens sem leis,
Aos Carijós se uniram e, afinal,
Trouxeram a grandeza ao arraial.

2

Uma passagem só, cotidiana,
As lavras conduzia, bem após:
Piranga, Ouro Branco, Mariana (2)
E Itaverava em franca expansão.
Nosso arraial chamaram-no, então,
De Campo Alegre, mas dos Carijós,
Nome que na poesia bem traduz,
Mudado foi, depois, para Queluz.

3

Honrâmo-lo com o cívico requinte,
Só destinado aos nomes imortais.
E mal raiava o século seguinte,
Na dianteira de vários arraiais
Garbosa e fortemente estava o nosso.
E não parava d'ouro a corrida...
Voltar aquele tempo eu não posso,
Mas imagino a azáfama da vida

4

Daquela gente brava e pioneira
Que trabalhava, assim, de sol a sol,
A construir na mata altaneira
(Que ocultava as luzes do arrebol)
A vila dos futuros queluzianos,
Ajudando a erguer a bela igreja,
Obra que se arrastou por muitos anos
Na certa proteção tão benfazeja

5

Da Santa Imaculada Conceição.
A Freguesia fora instituída
Graças a força e viva devoção
Daquela gente humilde, mas movida
Pelo dileto amor ao semelhante,
Pela luta em comum, pela esperança
De ter melhores dias, indo avanti,
Buscando sempre a paz e a bonança

6

No "rush" d'ouro a aldeia se estendia
Cortada, então, pela Estrada Real,
De Pimentel Salgado a Sesmaria
Onde fora instalado o Arraial
Mil setecentos mais cinqüenta e dois
Naquele ano veio a elevação
Do arraial a distrito, mas, depois,
O povo foi com documentação

7

Ao Visconde pedir (de Barbacena),
O vice-rei por todos respeitado,
Que o distrito fosse elevado
A condição de Vila. "Era pena"-
Diziam - "bom local, mui importante,
Viver assim, tão à mercê, distante
Da sede das leis e do magistrado,
Lá em São João Del Rey, que triste fado!

8

Atendendo a vontade imperativa
Da gente laboriosa e sofredora
O vice-rei, com sua comitiva,
Rumou para o arraial (que bom que fora!)
Tendo a benemerência mais ativa,
Com a Justiça alta e encantadora,
Agraciou tão másculo torrão
Co'a imensa glória da emancipação!

9

Ante esse fato, tudo se comove.
Nas almas que alegria se apresenta.
Povo feliz que a vida lhe promove
Descobre que a ventura se lhe aumenta.
Era setembro, dia dezanove,
Do ano mil setecentos e noventa:
É data que perdura em nossa história,
Como padrão feliz d'excelsa glória.

10

Uma alegria havia em cada canto...
Ninguém jamais iria se esquecer
Daquela bela data todo encanto
Que trouxe a todos novo bom viver.
Montaram lá na Praça o Pelourinho, (3)
Símbolo do Poder Judiciário,
Saudado foi com cálices de vinho
Tal se fosse o mais santo dos sacrários.

11

Formada a mesa dos vereadores
A Casa das Leis, na primeira ação,
Aprovou a Bandeira, em louvação,
Da terra de Queluz e seus valores.
Criada a Vila, lido o pergaminho,
O povo, então, em meio ao burburinho,
Falava e ria, até com arruaça
Na Praça Nova ou na Velha Praça!

12

Nosso distrito logo se transforma
Na Real Villa de Queluz. O novo
E belo nome alude a nobre norma:
A homenagem do nosso bom povo
Para o Palácio de Portugal, rico.
Dos Carijós ficou só a lembrança,
Mas eles nos deixaram grande herança
Nos cantos, balés, em tom folclórico.

13

Na corajosa Vila, entrementes,
Com suas pregações, suas andanças,
Chegava o indomado Tiradentes (4)
Trazendo ao povo novas esperanças:
"Abaixo o Quinto, que venha a Derrama!"
Sedentos, todos, pela Independência,
A Tiradentes todo o povo ama,
Mas a luta virou incondidência. (5)

14

Pouco depois, com muita penitência,
A Villa vê seu corpo esquartejado (6)
Sem piedade ou qualquer clemência
Ir para a capital do nosso Estado
(Então província). Villa Rica espreita
Todo o cortejo da rua Direita,
E todo canto onde o herói pregou
(Porém Queluz jamais se intimidou!)

15

Seguiu sua luta pela liberdade
Apoiando o primeiro Imperador
E dele teve toda a amizade,
Entusiasmo e grande fervor
A Casa das Leis sempre altaneira
Deu-lhe apoio e dele fez um mito.
E a Vila entrou em era alvissareira
Com muitas glórias, rumo ao infinito.

16

Quando, após, Senhor Pedro Primeiro
Visitou esta terra tão querida,
Ouvii na praça (7) o doce violeiro,
Que, na modinha bem entemecida,
Homenageou o nosso Imperador
Que, recebido co'o fulgor da glória,
Tão cavalheiro e bravo lutador
Guindado foi ao pódio da vitória.

Canto Segundo

17

"Trabalho e progresso" era o lema
Dessa Queluz tenaz, sempre em ação:
Não descuidava da luta por tema,
Brilhou na Liberal Revolução,
Com seus rebeldes, bravos patriotas,
Sobre Caxias teve alta vitória
(Toledo Ribas lá perdeu as botas!)
Em luta tão famosa na História. (8)

18

Revolução intrépida, chamada
A brava luta de quarenta e dois.
Ouvii-se a voz da História, deslumbrada:
"Vencestes, queluzenses (9)! Bravos sois!"
Logo depois, com alma renovada
O solo se agitou nos arrebois
Da ingente Guerra contra o Paraguai
Onde Queluz, disposta à luta vai.

19

Ela se integra a "Legião Mineira",
Brigada por Taunay tão decantada. (10)
E, nessa legião, com sobranceira
Coragem e bravura alevantada,
Pôs-se a lutar na pátria estrangeira,
A mostrar, de maneira destacada,
Que, sempre onde estiver nossa Queluz,
Teremos, junto, as flâmulas de luz.

20

E a Brigada, vindo de Ouro Preto,
Passou aqui rumando a Uberaba.
Teve carinho e auxílio o mais completo,
Todos unidos, como se na taba...
Mas, não só luta havia em nosso ninho:
Também violeiros, sob o mesmo teto,
Cantavam modas no gemer do pinho,
Em coro ou a sós, sempre com afeto.

21

Seus violões, tão extraordinários,
Violas que emocionam em qualquer parte,
Hoje bem raras como o Stradivarius
Compradas por mecenas, pais da Arte
Quando expostas lá na Pensilvânia. (11)
Aqui e ali cresceu a sua venda,
Mas está bem guardada em coletânea.
(De Queluz a viola já é lenda!)

22

Quarenta e quatro, de mil oitocentos,
Foi instalada a Guarda Nacional;
A Fonte Grande e mais melhoramentos
Chegaram bem depois e, afinal,
Bem lá no fim do século passado,
Surgiu a imprensa escrita na cidade:
"O Hóspede" era do povo um soldado,
Luiz Leite o fundou com integridade.

23

De lá pra cá bem mais de cem jornais
Vararam de Queluz a Lafaiete
Contando a história e fatos reais
Na luta insana que hoje se repete.
Logo no início de mil novecentos
Chegou aqui o filme de cinema
Causando espanto e excitamentos
Mesmo apesar do enredo sem dilema.

24

A sociedade dos bons Vicentinos
Foi instalada em noventa e cinco
Fazendo a caridade com afinho
Para ajudar a adultos e meninos.
Vai completar cem anos com alegria.
Através de um trabalho dedicado
Livre de alarde e sem alegoria,
Como convém ao bom apostolado.

25

Um anos antes, com grande alarido,
Abriram o teatro na cidade:
Santa Cecília, amplo e colorido,
Mostrando peças de mais qualidade.
Depois virou um clube de renome,
Sempre no auge dos grandes eventos
Na tradição que nunca apaga ou some,
Realizando os bons divertimentos.

Canto Terceiro

26

Nosso civismo fez nova presença
Quando a cidade, toda orgulhosa,
Não aceitou de Hermes a sentença:
Votou, maciçamente em Rui Barbosa (12).
Eu me permito regressar agora,
Ao vigoroso tempo de outrora
Quando Queluz, sem luxo ou vaidade,
Foi elevada à classe de cidade.

27

A Villa tinha só a Praça Nova, (13)
A hoje conhecida Tiradentes;
(Por detrás da Matriz, cova por cova,
Guardava o cemitério (14) os nossos entes);
Na Barão de Queluz, de águas à prova,
O Chafariz (15) abastecia as gentes.
Era serena, assim, toda a cidade
(Jardim de Amores, de terna saudade!)

28

A frente da Matriz, Rua Direita (16)
Hoje Comendador Baeta Neves:
Das janelas dali, todos a espreita,
Viam - compridos olhos ou com breves,-
Em atitude ao panorama afeita,
Carruagens pesadas ou as leves
Da "União Indústria" (17) que traduz
Toda a pujança da velha Queluz!

29

Chegou, depois, a água encanada, (18)
Para o asseio dos nobres e plebeus;
A política vil foi afastada
E derrubados os chefetes seus.
Venho de novo as glórias decantar
Da terra cheia de preciosas lendas,
Mistérios, "causos", ditos ao luar,
Que já se esmaeceram nas calendas.

30

A República, ao fim, foi proclamada.
Queluz, heróica, toda alegre via
Cair por terra a gasta Monarquia. (19)
Medrosa, a nobreza, assustada,
Ficou sem ter o que fazer da vida.
O tempo era outro, e dura a lida!
Mas Queluz não parava de crescer,
Lutando muito a cada alvorecer.

31

No Largo da Matriz tinha a Botica (20),
Local de encontro das autoridades,
Onde com gente nova e de bom senso
Pregaram o final das crueldades
Acabou-se o cabresto, foi-se a trica (21)
E o nosso povo não mais ficou tenso:
Feliz cantou, ufano, na vigília,
Co'a Banda Musical Santa Cecília. (22)

32

Ainda lá, no século passado,
Nos veio a ferrovia, entre outros bens,
Acordando o mineiro descansado
No apito nostálgico dos trens,
Para chamá-lo a luta, ao trabalho
(O inverno é forte, põe o agasalho).
A urbe cresce, e que vivacidade
Na part'alta e na baixa da cidade!

33

Mil oitocentos, mais oitenta e três,
Em doze de dezembro, exatamente,
O povo todo, em primeira vez, (23)
Desceu da Praça em bando crescente:
Os nobres e garbosos cavalheiros,
Cartola e fraques novos, domingueiros,
Damas queluzianas, muito belas,
Acompanhadas das filhas donzelas.

34

Alvorçados, todos, só querendo,
Com ceticismo ou curiosidade,
Ver bem de perto a grande novidade,
Mostrada em reclame (24) estupendo.
A comitiva do Imperador
Era aguardada com pompa e festa.
Povo ansioso e observador,
Abençoava a obra manifesta.

35

Quando o comboio, próximo, freava,
De susto muita gente desmaiou;
A criança, em pânico, chorava,
A velha freira, terço a mão, rezou.
Discursos, vivas, foguetório em lava,
A saudar o transporte que chegou,
Em homenagem ao novel sucesso
Que nos trouxe a fumaça do progresso.

36

Em seu discurso belo e fecundo
O nosso Imperador, Pedro Segundo,
Patrono e criador da Ferrovia,
Aclamado se viu com euforia.
Ele era um governo progressista
E passou todo o Império em revista.
Lafayette (25) era seu bom conselheiro,
Grande advogado, sempre bem matreiro.

37

Com isso conquistou Queluz, a velha,
De novo a sua firme condição:
Cidade-pólo desta região,
Com a qual outra não se emparelha.
Mas não foi fácil construir a linha:
Até a mão-de-obra era importada,
A maioria portugueses. Vinha
Aquele multidão esperançada.

38

Com gente estranha, os vícios e os deslizes
Proliferavam na cumplicidade
Casas de jogos, antros, meretrizes
E os bordéis de baixa qualidade.
Os obreiros, bem mais que felizes,
Na extrema parte baixa da cidade, (26)
Juntaram, pois, sem muito sacrifício,
A afeição ao labor e o amor ao vício.

39

A "fina flor" entre os da fidalguia
Com imortais brasões sobre os costados
E sem pruridos de aristocracia,
Alguns bem rudes, mas endinheirados
(Os pretensos chefões da burguesia)
Optaram por viver encastelados,
Como atores fugidos da ribalta,
Na nobre elevação da Parte Alta.

Canto Quarto

40

Bem antes disso, morre o Lafayette,
Na capital, o Rio de Janeiro
(Principiava o ano dezesete):
Grande perda ao Direito brasileiro!
Em vinte e cinco o Crédito Real;
O banco pioneiro desta terra;
Quarenta e quatro de triste final
Levou os nossos filhos para a Guerra.

41

Depois da Guerra (28) surge a epidemia,
Que de "Espanhola" foi apelidada,
Levou gente aos milhões em sua via
Deixando cada urbe devastada.
Veio outro Carnaval e, na alegria,
O queluzense entrou na batucada.
Feliz do nosso povo, que consiste
Em se tornar alegre estando triste.

42

Em dezenove vêm os automóveis
Distribuídos pelo João Camargo;
O telefone veio em vinte e dois.
Para o progresso não havia embargo:
O ônibus chegou no mesmo ano,
Surpreendendo muito o nosso povo.
Veio junto o Ginásio Queluziano,
Trazendo, então, conhecimento novo.

43

Quando noite, os casais enamorados,
Trocando juras, caminhavam juntos,
Por lampionas de gás iluminados. (27)
No Carnaval, saíam em conjuntos,
Alegres, excitantes, excitados,
Dançando e rindo, com tantos assuntos.
Mas, depois, que tristeza, veio a Guerra
Aliando o Brasil a Inglaterra.

44

Papéis picados e botões de rosas,
Confêtes, mascarados, colombinas
(Corsos de carros, com as melindrosas)
Nas ruas a dançar danças felinas,
Ao belo som das músicas gostosas,
Saltitam, sensuais, pelas esquinas.
Do Carijós os bailes, nesses dias,
São os que mais lampejam de alegrias.

45

Fino teatro, (29) esplêndido e risonho,
E bailes que ficaram na memória...
De tão bonitos, eram como um sonho!
A minha evocação tão ilusória
(Ao me lembrar agora, em prantos ponho),
Acabou se tornando merencória,
Mas cheia de quimera e poesia
(Ai, que saudade! Doce nostalgia!).

46

O doutor Mário Rodrigues Pereira (30)
Prefeito de viril e largo assomo,
Com denodo e energia verdadeira,
Transformou a cidade em lindo cromo,
Fazendo em toda parte, nela inteira
Melhoramentos importantes como
A fonte luminosa e o hospital,
TG, escolas, tudo em alto astral.

47

As artes, as ciências, a cultura,
De fato mereceram seus cuidados,
Quando ele, no timão da Prefeitura,
Tantos prodígios fez, assinalados,
De tão grande e tão nobre contextura,
Na imprensa e por todos proclamados,
Que, na benemerência em que se encerra,
Foi o grão-benfeitor de nossa terra.

48

A Faculdade de Comércio veio (31)
E o Monsenhor Horta, centro do saber;
Vieram com destaque, de permeio,
Ruas e praças, festas e lazer,
Tudo a agitar-se no febril trabalho,
Sem pausa, sem descanso, sem atalho:
O "queluziano" (32) o progresso endossa,
Sempre a dar mais amor a terra nossa.

49

Viera o Nazaré, colégio austero, (33)
Só freqüentado pelas normalistas;
Todas viraram, num fulgor bem vero,
Grandes poetas, mestras e artistas.
E havia o Bebiano (34) em Queluz,
Lá embaixo o "Pacífico Vieira":
O prazer da moçada alvissareira,
Era ter no estudo a sua luz.

50

No velho abrigo (35) ou na rodoviária
Na euforia a todos solidária
Ali, a luz do sol ou sob a lua,
A intensa multidão se aglomerava,
Para aplaudir o Carnaval de rua,
No qual o "Engole Ele", que brilhava,
Exibindo a alegria muito sua,
A todos atraía e incendiava.

51

Mas houve um crime tão horripilante
Que vitimou o Jayme, (36) tão fiel,
No Boqueirão, sem que qualquer passante
Delatasse o autor do ato cruel,
Por certo com receio do mandante,
Maldoso e opulento coronel
Que já morreu. No Inferno deve estar
Pois ali, tão somente, é seu lugar.

Canto Quinto

52

A Maria Fumaça ia gemendo:
"Quemquépão? Quemquépão? Manteiga, não?"
Resfolegava o trem, sempre tremendo.
O lazer para o povo, o preferido,
Passou a ser a Praça da Estação,
Desde que o trem, assim estremecido,
Chegava embasbacando a multidão
Com seu apito a léguas já ouvido.

53

Gente famosa por Queluz passava (37)
Sempre de trem, e, então, da plataforma,
O povo, em alaridos, a saudava.
E em voz pomposa, sempre preso à norma,
De improviso um tribuno discursava;
Saudados, sendo assim por essa forma,
Intellectuais, príncipes e reis,
Que aqui passavam rumo as Gerais.

54

A Praça da Estação, iluminada
A gás acetileno, era, por isso,
De encontros, ponto certo da moçada;
Local de namoricos, de derriço...
O agente da estação, engalanado,
Vestia a farda própria do serviço,
Sacando o apito e o alteando bem,
Determinava que partisse o trem.

55

O Bairro Lafayette (38) cresce com
Clubes, indústrias, bares e armazéns,
E atrativos de caráter bom.
Mas sempre vinham, aos bandos, nos trens,
As meretrizes de amor profano
Vendendo a si por muitos poucos réis
Lá nos bordéis, cassinos e hotéis
("Casas suspeitas" da velha Floriano!)

56

As ruas, em atalho, lá em baixo,
Principiavam bem na travessia,
Levando o povo à igreja, cabisbaixo,
Solene a orar pra São Sebastião
O Bairro Lafayette em expansão,
Aumentou tanto e tanto, de verdade,
Que em vez de simples nome da Estação,
Passou a ser o nome da cidade.

57

Nesse nome importante e robusto,
Encarnação da fibra varonil,
Fez-se homenagem ao varão agosto,
Ao cidadão famoso e mui gentil,
Que nascendo em Queluz - o que é justo -,
Tornou-se a glória imensa do Brasil.
Queluz se ufana e aos céus bendiz o fado
Com o nome ilustre que lhe foi doado.

58

Conselheiro leal do Imperador,
Lafayette, homem público traduz
O estadista e jurista de valor,
Sempre ardoroso e banhado em luz
Homem de Estado, mestre do Direito,
Sábio de vulto, intrépido varão,
As causas justas, dedicando o preito
Em favor da Moral e da Razão.

59

O novo nome trouxe desenganos
Entre a part'alta e a baixa da cidade (39)
Não concordavam os queluzianos
Em se unir aos de baixo - outra metade -
Que, achando que a moral sofria danos,
Se exasperaram, rudes de verdade:
"Queluz era Queluz, nome sagrado.
Não havia razão de ser mudado!"

60

"Tristeza" - como disse o Perdigão -,
Deitar queluziano e despertar
Lafaietense! E foi sem coração,
O chefe do Estado, sem pesar
A dor que então causava ao berço meu
Baixou o decreto vil, dando à cidade
O nome Lafayette. De verdade,
Lei impensada, em puro arbitrio seu.

61

Queluz, nome bucólico, encerra
As tradições banhadas de infinito;
A nossa gente mansueta e brava
Não guardou sua revolta e deu o grito
De quem nunca, jamais, seria escrava,
Ao ver seu nobre nome assim proscrito,
Inteira, se tornou, na realidade,
Lafaietense, então, contra a vontade.

Canto Sexto

62

Nos tempos bons de tão ditosa era,
Na parte baixa da cidade linda,
Fundado foi o Clube Primavera
Onde a elite sempre foi bem vinda,
Tinha requinte de finura, e era,
Sob os aplausos de efusão infinda,
A cada lance, sempre bem composto,
A mestra da elegância e do bom gosto.

63

Depois, o surgimento do Atlanta;
Na Rádio Clube, sempre tão amada,
Onde o talento da cidade canta,
Tinha o Salão Azul (40) tão freqüentado,
Com a calourada alegre que suplanta
Do público o rigor selecionado
Que por ser justo e por não ter desdouro
Vaiava ou dava vivas ao calouro.

64

E havia o footing: jovens em namoro,
Uns escondidos, outros nas calçadas.
O Bananeiras tinha o alto coro
Das crianças que brincam animadas.
Na Quitandinha (41) briga e desaforo,
E no Prado o correr das cavalgadas.
O doce coração de todo o povo
Guardava sempre um romantismo novo.

65

E o Bellavinha, bom clube campestre (42),
O Meri derrotando o Cruzeiro; (43)
O Guarany, em campo, tal um mestre
Muito alegrando o "seu" João Carneiro (44)
E eis que surge a Rádio Carijós (45)
A forte voz da Zona Metalúrgica...
Os namorados, que ficavam a sós
Se embalavam com sua bela música.

66

Matinês de Far West com bravatas,
E filmes seriados cada dia.
Nas noites de luar as serenatas,
Fosse no estio ou fosse na invernia.
A noitinha, o enlevo prosseguia
Na tela do Glória ou Cine Central: (46)
Filmes lindos, de amor e de Natal
(Que doce e suave nostalgia!)

67

E a seresta do Ito, tão dolente,
Mais colorida do que o arco-íris,
Falava fundo ao coração da gente;
Os Escoteiros do Toninho Pires
Seguindo, "Sempre Alerta" para a frente
Quais se fossem paxás ou grãos-vizires;
Na Rádio Clube o hábil Chico Souza
Sua voz macia ao microfone pousa...

68

Sessenta e sete traz a rodoviária,
Essa moderna que a cidade tem.
Aqueela antiga, que era tão precária,
Já não servia para mais ninguém.
No mesmo ano houve uma festaça:
O subterrâneo era inaugurado,
Dando ao pedestre toda a segurança,
Da linha que exigia só cuidado.

69

Chegou setenta e a Faculdade,
Trazendo ao nosso povo a redenção
Com a luz do Direito e a liberdade,
Conhecimentos em evolução,
Legando boa fama a cidade.
Setenta e oito trouxe o Panorama,
Com nova imprensa, de alta qualidade,
Traçando do progresso um programa.

70

O viaduto chega em oitenta e um,
Ligando as duas partes da cidade.
E uniu do povo os sonhos em comum,
Estimulando mais fraternidade.
As velhas rixas entre as duas partes,
Ficaram sepultadas no passado,
Não mais havia esses disparates.
Lafaiete é uma só, eu sempre brado!

Canto Sétimo

71

Pedro Segundo, o clube, com Samor
No Sider, bailarinas e gincanas.
No Vila Rica a noite, com sabor (47)
Por entre as iguarias mais bacanas,
Risoto, prato feito, couve-flor
Com vinho ou cerveja e belas damas.
E tudo aquilo era para a elite
A fina gostosura do apetite.

72

Tinha a cidade coisas delirantes
De gente simples em trabalho vivo,
Que punha a todos muito radiantes.
Havia em tudo um grande incentivo:
As Olimpíadas dos estudantes;
A Açominas de trabalho ativo,
Tudo mais sem esforço ou vaidade
Dando mais vida a vida da cidade.

73

Havia um plano-sonho do Prefeito
Que já por duas vezes governara (48)
E que agora, sim, ao novo eleito,
Confiante e ansioso ele passara:
(Ali, por certo, quem com ele arque!)
O desaforo, o alívio da cidade,
Já no papel, a "Avenida Parque",
Se fez, nas mãos de Orlando, realidade! (49)

74

"Telésphoro Rezende", hoje se chama;
Abel, Hélio Pereira e sucessores
Souberam bem cuidar da "Grande Dama!"
E foram vindo, sempre, outros valores:
De Lafaiete soube ser bom filho
Camilo Prates que veio de fora;
"Seu" Pedro Silva teve firme trilho;
Chegou Vicente em muito boa hora.

75

Veio, após, doutor Arnaldo Penna,
Bem sucedido por Carlos Beato,
Que está lutando pra manter em cena,
Nossa cidade, que vive em recato,
Mas que precisa de novas conquistas:
Outras indústrias e mais faculdades,
Jornais, comércio forte e revistas
Política nobre e sem falsidades...

76

Mil novecentos e noventa e três,
Assinalou um marco na cultura:
A Academia em primeira vez (50)
Se reuniu, na busca já futura,
De um porvir feliz e mais risonho,
Na realização de um grande sonho,
Com incentivo as Letras e as Artes,
Preservação da História e debates. (51)

77

Ó glorioso centro do Saber, (52)
Que arrebanha os mais nobres poetas,
Literatos, cientistas e estetas,
Todos têm na cultura seu prazer.
No aniversário desta Lafaiete,
Inauguramos nossa Academia,
Que para todos o refrão repete:
Nós somos da cultura a força e o guia.

78

É um sodalício de muito valor,
Forte expressão da Arte e do primor,
Que vem levar o nome da cidade,
Às glórias do infinito, sem vaidade.
São cem cadeiras, imortalizando
Os grandes vultos que teve a cidade.
Suas idéias, obras e comando,
Deixaram-nos lições de fé e bondade.

Último Canto

79

Ao final desta ode alcandorada
Com que se canta a terra que se adora,
Percebo, em minha mágoa tão chorada,
E na tristeza imensa de quem chora,
Que a Musa bela em lágrimas banhada
Esta epopéia vai findar agora
A cantar a ternura que reflete
Meu amor a Queluz e a Lafayette!

80

A Queluz velha, agora decadente,
Num marasmo cruel que desconforta,
E que sem esperança deixa a gente.
E nesta fase má não mais comporta
O parque industrial que outrora teve.
Mas não temamos, ora esses fracassos,
E, dominando os tempos e os espaços,
Façamos da tarefa árdua a mais leve.

81

Na mente forte e no vigor dos braços,
Façamos do dever nossos faróis,
Tenhamos no trabalho os nossos laços,
Clarificando tudo como sóis.
E co'a força indomável dos heróis,
Lutemos com bravura para, então,
Fortes de novo, erguer nosso torrão,
Tocando com vigor clarins, taróis.

82

Queluz ou Lafayette! Em ambas louvo
O cívico fervor, o ardente brio,
Que tem seu bom, leal e heróico povo
Hospitaleiro, assaz forte e bravo.
Nascerá, como a Fênix, de novo
Das próprias cinzas, para um desafio:
A ambas darmos, cheios de afeição
A imensa glória da ressurreição.

83

Assim fazendo, a Musa lhes promete
No final deste canto, que traduz
O que n'alma de todos se reflete
Com as bênçãos ternas dos anjos de luz
Que Queluz há de ser de Lafayette
Tal como Lafayette é de Queluz.
Participando assim dos mesmos pomos,
Seremos, gente minha, o que já fomos!

ASPECTOS TÉCNICOS DA METRIFICAÇÃO

As três estrofes de abertura são, a primeira baseada em Os Lusíadas, de Camões, com substituição de algumas palavras e versos inteiros; a segunda e terceira são trechos exatos daquela obra, mas recolhidos de estrofes diversas e reunidos nessas duas.

O encadeamento das rimas em Os Lusíadas é feito sempre como nessas três estrofes, ou seja, ACBD-ABAB e, ainda, ACEF ou BDGH. No caso de Queluziadas, só me foi possível fazer o encadeamento original em algumas estrofes, mesmo assim, com a ajuda dos poetas Dantés Passos, 75 anos, meu companheiro no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Rangel Coelho, poeta e escritor de Itaúna, falecido em julho/93, aos 96 anos, e a acadêmica Marina Biagioni Marques.

Conclusão: imitar Camões é tarefa impossível, mas meu objetivo não foi outro senão o de cantar/contar a história de nossa cidade em versos, ao estilo de Os Lusíadas, ou seja, uma epopéia, capaz de revelar os valores mais altos deste torrão às glórias de sua gente. Em Os Lusíadas, Camões narra as aventuras dos portugueses, na era dos descobrimentos, elevando o nome de Portugal aos píncaros da glória.

Alguns decassílabos são imperfeitos quanto à cadência, mas deixei-os assim para não ter que mudar as idéias e mensagens perfeitas neles contidas.

Minha preocupação maior foi a preservação de informações históricas precisas, preciosas e verdadeiras, que possam se prestar à pesquisa de historiadores e escolares.

A versão original deste poema eu a publiquei em 1992, no jornal Tribuna Livre, com pouco mais de 50 estrofes. A segunda, ampliada e melhorada, foi publicada no ano seguinte, no então Correio da Serra (hoje Correio da Cidade). Aqui vai publicada a versão mais recente, concluída no fechamento desta edição, com o acréscimo de novos versos e estrofes e maior aperfeiçoamento da técnica (e arte) da versificação.

NOTAS EXPLICATIVAS

(1) O ano refere-se à chegada da Grande Bandeira Paulista, que é o marco oficial da colonização da terra dos Carijós. Informações oficiais dão conta de que outras bandeiras e aventureiros paulistas, passaram por aqui, a partir de 1671, em busca de ouro. Vieram apenas explorar a terra, saqueá-la, sem fincar raízes e, portanto, sem firmar compromisso com o futuro e o desenvolvimento do lugar. Por ocasião do início das comemorações do Tricentenário da Cidade, em dezembro de 1994, a ACLCL e a PMCL afixaram uma placa na praça José Ferreira, no início da rua Miguel Garcia, que é o nome de um dos banderiantes que aportaram aqui, em 1694; e que, depois, seguiram rumo a Itaverava, passando pelo antigo Lavapés, hoje, bairro Progresso; (2) Da Aldeia dos Carijós - primitivamente denominada Campo Alegre dos Carijós -, fizeram incursões até Itaverava, cujo Tricentenário será comemorado em 1996, depois Catas Altas e Piranga (antes chamada Gurapiranga), em 1697 e, por fim Mariana, onde aportaram em 1698. A colonização de nossa terra - onde foi descoberto o primeiro ouro das Gerais - antecede, junto com Ouro Branco, as mais antigas cidades do Estado, inclusive Mariana (antigo Ribeirão do Carmo), que foi emancipada em 1711; (3) O pelourinho simbolizava a instalação do Poder Judiciário, marca da emancipação das antigas vilas. O Arraial dos Carijós, cujo distrito foi criado em 1752, era subordinado à Vila de São José Del Rey (hoje Tiradentes), pertencente à Comarca de São João Del Rey, aonde nosso povo tinha de ir para resolver questões de leis e do judiciário, antes da emancipação. O pelourinho de Queluz foi instalado no dia 19/09/1790, na praça tiradentes (então chamada Praça Nova), mais ou menos onde se ergue a fonte luminosa, e consistia num pedestal de pedra, com as armas de Portugal gravadas, em que os criminosos eram amarrados e expostos à execração pública; (4) Tiradentes pregou seus ideais no Arraial dos Carijós e na Real Villa de Queluz (a décima criada na província) e aqui conseguiu adeptos para a Inconfidência, entre os quais os padres Manuel Rodrigues da Costa, José Maria Fajardo de Assis, Antônio João de Oliveira (este, de Congonhas, então pertencente ao nosso município); e João da Costa Rodrigues (dono da estalagem da Varginha). Algumas das reuniões secretas foram realizadas na estalagem das Bandeirinhas (ou Bananeiras?), a caminho de Queluzito, e, outras, no solar do Cônego Francisco de Santa Apolônia - na rua Barão de Suassuí - onde o irmão deste, Padre Fajardo, se aliou aos ideais de Tiradentes. Também na estalagem da Varginha do Lourenço, Tiradentes fez reuniões e pregações; (5) Grafo inconfidência com minúscula, porque refiro-me, aqui, ao substantivo comum, já que os conjurados eram confidentes entre si, mas tomaram-se inconfidentes não por vontade deles, e sim pela traição de Joaquim Silvério dos Reis; (6) Queluz ficou tão estigmatizada pelo Reino, por causa de seu apoio a Tiradentes, que, em represália, duas partes de seu corpo esquartejado (de regresso do Campo da Lampadosa, no Rio, a caminho de Villa Rica), foram depositadas em nosso município: uma na estalagem das Bananeiras (ou Bandeirinhas?), a caminho de Queluzito; outra parte foi deixada na Gameleira da Varginha do Lourenço, na divisa com Ouro Branco a provisão de sal que conservava o corpo do mártir, em barricadas, foi

renovada num empório (venda) que existia onde hoje está o prédio da Droganova, na atual rua Comendador Baêta Neves; (7) A atual praça Barão de Queluz, antigo Largo da Matriz, era a única que existia nos primórdios do Arraial, e era ali, portanto, onde o povo se reunia em momentos de lazer. O Imperador Pedro I visitou Queluz em 1822, ano do Grito do Ipiranga. Dois anos antes havia sido criado aqui o primeiro grupo musical da Villa, com violinos e violas, estas, na época ainda importadas de Portugal, já que as violas de Queluz começaram a ser fabricadas em 1880. O grupo musical em questão foi organizado pelo avô do historiador Romeu Guimarães de Albuquerque; (8) Esta batalha aconteceu no dia 22 de julho de 1842, quando as tropas do Império (o Exército Legalista de Caxias), aqui comandado pelo brigadeiro Manoel Alves de Toledo Ribas, foram fragorosamente derrotadas pelos rebeldes de Queluz, no Largo da Matriz, na Revolução Liberal, sob o comando de Galvão; (9) Queluzense é o adjetivo pátrio mais correto que queluziano. Entretanto, preferimos usar este em outros trechos do poema, por respeito às tradições locais; (10) A Guerra do Paraguai teve início em 1864, e Queluz se incorporou a ela, com seus primeiros voluntários, em maio de 1865; (11) As célebres violas de Queluz participaram da Exposição Internacional da Pensilvânia, na primeira década deste século; (12) Rui, em sua campanha como candidato civil à presidência da República (contra o militar Hermes da Fonseca), esteve aqui em 1910, quando se hospedou num hotel, batizado por ele de Haia, e que existe até hoje na rua Marechal Floriano Peixoto. Depois que as umas de Queluz foram apuradas, ele recomendou que o trem parasse em nossa cidade, e assim falou: "Quero parar novamente em Queluz. Como gostei daquela gente!"; (13) Como foi dito antes, a primeira praça do povoado foi a da Matriz, surgindo, depois, atrás da Igreja, a Praça Nova, cujo nome foi escolhido para, de certo, contrapor-se ao da outra, mais antiga; (14) O cemitério da Vila ficava ao lado e atrás da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, como de praxe, na época; (15) O chafariz, ainda existente no centro da praça da Matriz, foi inaugurado pelo Barão de Queluz, em 1881, quando presidente da Câmara e agente executivo municipal. Essa praça foi chamada, certa época, de Jardim dos Amores e Jardim de Arcia, conforme vai citado no último verso da estrofe 23; (16) A maioria das cidades antigas possuía ruas com esse nome, em referência à posição do logradouro que ficava à direita da igreja principal; (17) Esta estrada, construída entre o segundo e o terceiro quartéis do século passado, foi (até o surgimento da BR 040, no final da década de 50), a ligação entre o Rio de Janeiro, a capital do Império a Ouro Preto, enquanto esta foi capital da província. A União Indústria cortava Queluz, vindo do Rio de Janeiro, pela Santa Matilde e bairro São João (abaixo do Bando da Lua). Passava pelas praças Tiradentes, Barão de Queluz, ruas Direita e Barão de Suassui, rumo a Gagé até Belo Horizonte. Já a Estrada Real seguia pela Chapada, rumando ao Morro da Mina, Carreiras, Ouro Branco e Ouro Preto; (18) A água encanada só foi instalada na cidade, na primeira década do século, na gestão do prefeito dr. Campolina, a partir de um reservatório construído ao lado da igreja de Santo Antônio; (19) A Proclamação da República, com a queda do poder monárquico, ocorreu em 1889; (20) A Botica Grande era uma farmácia que existiu no solar do Barão de Queluz, defronte à Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde hoje se ergue o prédio do Fórum; (21) Trica: trapaça, trama, intriga, futrica; (22) A Banda Santa Cecília foi fundada em 1885, portanto, quatro anos antes da Proclamação da República; (23) A cidade possuía, nessa época, somente a Parte Alta, acima dos Quatro Cantos (Afonso Pena com Horácio de Queiroz). Após a construção da ferrovia é que o povoamento foi descendo até à estação. Durante a construção surgiu a Marechal Floriano, onde foram construídas as casas de madeira para os operários; (24) Reclame: termo antigo - e galicismo - que era usado para designar um anúncio ou publicidade impressa; (25) Lafayette Rodrigues Pereira e o Imperador foram presenças de destaque na inauguração da EFCB em Lafaiete, cujo nome primitivo era Estrada de Ferro Dom Pedro II; (26) Nova referência à rua Marechal Floriano, que deu origem à parte baixa da cidade. Ali viviam os operários, em meio a cassinos e bordéis, que são novamente citados na estrofe 49; (27) A iluminação pública a gás acetileno foi inaugurada em 1887; a energia elétrica veio em 1917; (28) Primeira Guerra Mundial (1914-18), após a qual surgiu a Gripe Espanhola, que matou considerável parcela da população queluziana; (29) O Teatro Carijós funcionou no Clube do mesmo nome; (30) Esse prefeito governou a cidade durante a ditadura Vargas, de 1934 a 1945; (31) A Faculdade de Comércio, à qual se integrou o Ginásio Monsenhor Horta, foi fundada em 1936; (32) As aspas querem significar que, quando o prefeito Mário Pereira assumiu o Governo da cidade, esta se chamava Queluz, nome que foi mudado, em 27/03/1934, para Conselheiro Lafaiete, data do centenário de nascimento do patrono da cidade; (33) O Colégio Nazaré, o mais antigo estabelecimento de ensino da cidade, fundado em 1905; (34) O Domingos Bebiano foi o primeiro grupo escolar criado em Queluz, em 1910; o segundo, o Pacífico Vieira, na parte baixa, em 1914; (35) O abrigo de ônibus que existiu na praça Tiradentes era o ponto de convergência da população nos festejos populares; (36) O crime ocorreu, salvo engano, em 1957 ou 1958, num eucalipto que havia defronte ao atual prédio dos Correios, na rua Dias de Souza, que dava acesso ao bairro do Boqueirão, (bairro de Lourdes), onde nasci; (37) A ferrovia aqui era pólo regional da RFFSA e passagem obrigatória de todas as pessoas do povo e autoridades, que iam rumo a Ouro Preto e, depois, Belo Horizonte; (38) A princípio, a parte baixa da cidade era um simples bairro, a que o povo deu o nome de Lafayette, então, patrono apenas da estação. Escrevo Lafayette em

respeito à grafia da época, por se tratar de nome próprio personativo; (39) A rivalidade entre as populações das duas partes da cidade era tão grande, que os jovens de ambos os lados se digladiavam constantemente, quando um invadia o "território" do outro. A verdade é que os moradores da parte alta, em sua maioria, descendentes da nobreza queluziana e pessoas abastadas, não gostavam de se misturar aos operários da parte baixa. Com isso, a cidade chegou a ter dois nomes: Queluz (a parte alta) e Lafayette, a parte baixa, esta assim batizada pelo povo desta área; (40) Salão Azul era um programa de calouros mantido pela Rádio Clube, nos seus primeiros anos, quando funcionava na Marechal Floriano; (41) Havia um campo de "peladas" onde hoje está a praça Quitandinha (São Sebastião) e as brigas entre os garotos e adolescentes eram uma constante. Era uma bela praça que chegou a ter até um mini-zoológico. O nome Quitandinha foi dado pelo povo em alusão ao parque com esse nome, existente em Petrópolis. No verso seguinte é citado o Prado (hoje avenida Furtado), onde eram realizadas corridas de cavalos, a partir de 1909; (42) O Bellavinha Piscina Clube, inaugurado em 1953, foi construído para ser um Clube Campestre, então bem longe da cidade, que hoje se estendeu até lá, transformando-o em clube urbano; (43) O Meridional, fundado em 1922, em seus áureos tempos como profissional (década de 40), chegou a derrotar o Cruzeiro F. C. (Palestra Itália); (44) João Carneiro adorava o Guarany F. C., que fora fundado em 7/09/1910. Ele possuía um ponto de café, famoso pelo Toddy com canela, na rua dr. Campolina, ao lado da farmácia Santa Cruz; (45) A Rádio Carijós foi ao ar, pela primeira vez, em 1960, em prédio da rua Afonso Pena com Horácio de Queiroz; (46) A primeira exibição de cinema realizada na cidade foi em 1903, através de um animatógrafo, equipamento bastante primitivo, que antecedeu, no mundo, o cinematógrafo inventado pelos Irmãos Lumière (1895). O primeiro cinema inaugurado na cidade foi o São Geraldo, depois Max (1912) e Rex, no prédio depois ocupado pelo Cine Glória, onde hoje se ergue o Banco do Brasil. Os demais cinemas de Queluz e Lafayette vieram na seguinte cronologia: 1917 - Cine Teatro Paz, na rua Marechal Floriano Peixoto; 1918 - Cine Central, na praça Tiradentes; 1919 - Cinema São José; 1920 - Cinema Recreio; 1924 - Cine Avenida, na rua Marechal Floriano Peixoto; 1937 - Cine Glória; 1957 - Cine Regina; e, 1981 - Cine Lafayette; (47) O Vila Rica foi o primeiro restaurante da elite, em Lafayette, e funcionou no final da década de 60 e início de 70, no segundo andar do prédio que existe ao lado da ponte da rua dr. Campolina; (48) O prefeito em questão era o Cel. Telésforo Cândido de Rezende, que chefiou o executivo nas gestões de 1951/54 e 1959/62; (49) Orlando Baeta da Costa sucedeu Telésforo. De 1967 a 1970 governou Abel Rezende Dutra. Em 1971/72 Hélio Pereira de Rezende; de 73 a 76 Camilo Prates dos Santos Jr; 1977 a 1982 foi a vez de Pedro Silva; depois, 1983/88, Vicente de Faria Paiva, sucedido por Arnaldo Perna (1989/92), que passou o Governo a Carlos Alberto Gomes Beato, empossado em 1993; (50) A Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette foi fundada em 19 de setembro de 1993, em sessão solene no Teatro Municipal "Placidina de Queiroz", como parte das comemorações do 203º aniversário da cidade; (51) As atividades da ACLCL não se restringem a debates acadêmicos, mas incluem a edição de livros, incentivo às ciências, artes, pesquisas históricas e genealógicas e preservação dos usos e costumes locais; (52) Estas duas estrofes (68 e 69) contém exatamente a letra do Hino da Academia.

SIGNIFICADO DO NOME LAFAYETTE

É, na França, historicamente, um sobrenome (e não prenome, como no Brasil) de origem geográfica: La (a) faiazinha (fayette). Faia é nome comum às árvores do gênero Fago, caracterizadas pela casca lisa, cinzenta, de madeira dura e de textura fina, com folhagem verde-escura e flores amentáceas e pequenas nozes triangulares. O nome Lafayette ganhou fama por causa de um general e nobre francês, dessa família, que levou uma armada para ajudar os americanos, contra os ingleses, na luta pela independência dos EUA, em 1776.